

Vol 6 Issue 12 Sept 2017

ISSN No : 2249-894X

---

*Monthly Multidisciplinary  
Research Journal*

*Review Of  
Research Journal*

Chief Editors

---

**Ashok Yakkaldevi**  
A R Burla College, India

**Ecaterina Patrascu**  
Spiru Haret University, Bucharest

**Kamani Perera**  
Regional Centre For Strategic Studies,  
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

### Regional Editor

Dr. T. Manichander

### Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [ M.S. ]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
Awadhesh Kumar Shirotriya	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



## A "TÉCNICA" E A FÉ NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO PROJETO DE ASSENTAMENTO TARUMÃ MIRIM, NA ZONA RURAL DE MANAUS AM

Águida Meneses Valadares Demétrio<sup>1</sup> and Dra. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM

<sup>2</sup>Pós-doutora, Pesquisadora e Docentado Programa Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM.

### ABSTRACT

**T**he culture evokes multidisciplinary interests, representing behavioral manifestations of a people, with their beliefs and traditions. Ethnographic research, relate blessing treat witchcraft, stickleback fallen, evil eye. Description of pull and pull, traditional practice in the countryside area of Manaus. Ethnographic method, using the technique of participant observation. For each evil, one pray; for every pain, a technique; having as instruments the faith to cure the disease or relief for the pain.



**KEYWORDS:** Culture; Tradition; Benzeção; Puxação.

### INTRODUÇÃO

Para assimilarmos técnica e fé, conceitualmente denominamos de "técnica" os saberes de ordem prática ou de procedimentos para a execução de um ato, com a utilização de destreza manual ou intelectual, geralmente aperfeiçoada com a repetição ou a inserção de novos métodos, buscando um determinado resultado. Fé, no catolicismo, é a primeira das três virtudes teológicas (Fé; Esperança; Caridade). Ela deriva do latim Fides, que quer dizer confiança, crença, promessa. Através da fé os cristãos creem em Deus, nas suas verdades reveladas, reforçando a sua crença em algo que não se pode ver, tocar, mas pode sentir, pressentir. Quando se interliga técnica e fé, as crenças se fortalecem, intensificando as tradições de um povo, ultrapassando as barreiras do tempo, permanecendo ainda como prática comum entre eles.

Diversos males e curas constituem esse "horizonte mágico", onde as crenças, a fé e as simpatias representam as tradições de um povo. Para cada um desses males, físicos ou espirituais, há orações diferenciadas e técnicas específicas. Nas comunidades rurais, essa busca da cura para os males do corpo e da alma advém tanto das crenças e tradições repassadas de pais para filhos, quanto da escassez da oferta de médicos. Neste trabalho, procuramos ressaltar a importância desta cultura, buscando registrar etnograficamente, evitando que se perca a sua sistematização, suplantada pela modernidade ou pelos ajustes culturais e sociais.

A proposta de abordagem teórico-metodológica para este trabalho se fundamentou na pesquisa qualitativa, que, segundo Minayo (2015) "se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado" e nela intentamos executá-la através de proximidade social, para que os envolvidos na pesquisa pudessem sentir-se mais à vontade. Bourdieu e Passeron (2010) recomendam que o pesquisador desça do "pedestal cultural" isolando o seu "capital cultural" para que ambos possam se entender. O entrevistador deve fazer tudo para diminuir a violência simbólica<sup>1</sup> que é exercida através dele, na atuação como pesquisador. Segundo a área de conhecimento, esta adequa-se entre as Ciências Sociais Aplicadas, (GIL, 2010, p. 26), porém permitindo o

diálogo com diversas grandes áreas do conhecimento, através da interdisciplinaridade.

Este trabalho originou-se da dissertação do mestrado, em que foi adotado a pesquisa etnográfica, tendo como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente, utilizando a técnica da observação participante. Na etnografia, é recomendável ao etnógrafo que, de vez em quando, deixe de lado a máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo, tomando parte nas atividades, passeios, ou sentar-se com eles, ouvindo e participando das conversas (Malinowski, 1978; Oliveira Filho, 1999; Whyte, 2005; Alves, 2011 e Matos, 2015), o que me<sup>2</sup> instigou a participar, vivenciar, observar, conhecer rotinas, costumes e tradições dos assentados do projeto de assentamento Tarumã Mirim.

O projeto de assentamento Tarumã Mirim foi criado em 1970 e com o decorrer do processo foi-se subdividindo em diversas comunidades. Do ramal principal abrem-se as vicinais, que adentram no território rural. O acesso ao referido assentamento pode ser realizado via terrestre, através do Ramal do Pau-rosa, estrada secundária, à altura do KM 21 da BR 174 (sentido Manaus-Boa Vista), e via fluvial pelo Rio Negro através do Igarapé Tarumã Mirim a sudoeste e pelo Igarapé Tarumã Açú a noroeste. Limita-se ao norte e ao sul com terras da União de competência da Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA (INCRA, 1999). Possui uma área de 42.910,76 ha com capacidade para assentar 1.042 famílias.

No registro da historicidade do Tarumã Mirim, enquanto entrevistava a benzedeira da região, percebi a intensa procura pela puxação. Isto me intrigou, pela assiduidade em que ela era requisitada para tal prática. Meu feeling de pesquisadora me instigou a pormenorizar, e entender, como se interligava uma prática manual com as crenças locais. Esta prática, cura através das mãos ou através da fé? Para a pesquisa de campo, foi utilizado o gravador, e as informações do "dito" e do "observado" foram registradas no diário de campo, cuja transcrição resultou em 199 páginas, que compuseram as bases empíricas para a dissertação, da qual destacamos fragmentos pertinentes para compor este artigo. Tal pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética, através do CAAE 51295515.9.0000.5020 e número de parecer 1.350.135, de 03 de dezembro de 2015.

### 1.1 Cultura, tradição e costumes

Definir cultura, conforme Canedo (2009) evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Em cada uma dessas áreas, ela é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal posicionamento nos remete seu próprio caráter transversal, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana, pois representa as manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização, inseridos na dança, música, crença, literatura, folclore, em que produzem e participam de forma ativa. O que diferencia o comportamento entre os grupos humanos é a sua cultura, conforme nos elucida Guerreiro (2009), pois só os humanos as fazem, pela sua capacidade de simbolizar os seus costumes, quer seja nas construções dos seus símbolos, utilizando ferramentas, ou na vivência da sua fé, através das suas crenças. No âmbito geral, Morin (2014, p. 79) classifica que somos seres culturais, psicológicos, biológicos e físicos, nos inserindo nesses quatro aspectos, refutando as disjunções ou as especializações, no que concerne às ciências humanas e sociais, no entendimento dessas conjunturas.

Em conformidade com Couche (1999, p. 203), há algumas décadas, a cultura tende a suplantar outros termos mais usados anteriormente, como "mentalidade", "espírito", "tradição" e até "ideologia". De acordo com o Silva e Silva (2009, p. 85), a cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo, quer seja no plano concreto ou imaterial, empregada socialmente e inserida na tradição de um povo. No âmbito da antropologia, essas tradições formam os elementos comuns aos membros de um grupo social, os hábitos, a maneira de pensar, crer, se comportar, de forma generalizada e prolongada. Baldino et al (2015, p. 399) nos elucida que as manifestações populares povoam o imaginário coletivo e sua transmissão cultural segue as formas tradicionais sobre as quais repousam o universo de saberes da tradição. Em conformidade com Guerreiro (2009, p. 13), a distinção entre cultura e natureza, entre humanos e demais animais, distinguem e ressaltam visão de superioridade, pois somente os humanos produzem cultura. Por outro lado, a maneira como se opera a cultura gera as diferenças entre os grupos humanos.

Se, para todo animal de uma mesma espécie, existe um mesmo tipo de comportamento, dado pelo

instinto, para os membros da espécie homo sapiens, as diferenças deveriam estar além dos instintos biológicos, no campo da cultura, pela capacidade de simbolização, formando as nossas peculiaridades históricas, que se inserem em uma comunidade, através da sua oralidade e das suas memórias. Guerreiro (2009, p. 25-26) permanece nos esclarecendo que "somos uma espécie única que tem um lado biológico e de instintos e outro simbólico, cultural. As duas partes integram num todo inseparável". Essas duas faces estão presentes nos hábitos, nas tradições e na cultura. Se o código genético não define o nosso comportamento, é necessária a cultura para nos orientar e dizer como devemos nos comportar. Através de escolhas proporcionadas pelo livre arbítrio, cada grupo humano foi tecendo um conjunto de códigos e normas de conduta.

Desta maneira, os grupos foram se diferenciando, estabelecendo marcas distintivas, construindo identidades e modo diferenciados de se relacionar, de agir e de comportar-se socialmente. Seja o relacionamento com a natureza, através de técnicas e ferramentas específicas, seja entre seus integrantes, por meio de linguagens distintas, ou ainda com o mundo do imaginário, através de mitologias próprias. Toda cultura deve ser vista como uma maneira possível de os homens se organizarem, formarem as suas identidades, se adaptarem ao meio em que vivem, buscando se adequarem às suas realidades e às suas crenças, formando histórias que se complementam ou se diferenciam, dependendo do contexto vivenciado, porém marcando o seu habitat, com as suas peculiaridades e as suas especificidades, porque cada comunidade possui a sua história e a sua memória.

### 1.2 Rezas e "puxações" para curar o corpo e o espírito

A oração, considerada como um elemento fundamental para a manutenção do acesso ao universo das coisas e seres sagrados, conforme Pereira, (2009), revela-se como chave para a compreensão de dinâmicas de pertencimento, pelo qual corpo, linguagem e sentidos constituem-se como elementos de uma totalidade produtora de orações e de situações que conduzem a experiências místicas. Isto nos instiga a pensar sobre o que acontece quando alguém invoca um ser sagrado. Pelo raciocínio socioantropológico, essa invocação se dá através da mobilização de uma série de significados e práticas que são socialmente concebidas como eficazes na interação com os seres aos quais são atribuídos características e poderes não humanos. Ao levarmos em consideração também os efeitos dessa invocação na relação que se forma entre a pessoa que profere algumas palavras e executa determinadas ações e o ser a quem essas palavras e ações se destinam, percebemos uma interação imaterial entre ambos, onde a fé predomina.

Em conformidade com Schweickardt (2002), a reza praticada pelos rezadores é magia, sendo ela uma prática comum no Brasil, no entendimento de que palavras e gestos irão interferir no processo natural das coisas, porque há uma relação entre fatos distintos que aparentemente não tem nenhuma relação, mas que a magia os põe em relação, unindo fé, reza e magia. Mauss (1974, p.168) é categórico quando diz: "Não é mágico quem quer: há qualidades cuja posse distingue o mágico do comum dos homens. Uma são adquiridas, outras são congênitas; há as que lhe são atribuídas e outras que ele possui efetivamente". Hoffmann-Horochovski, (2012, p. 128) nos esclarece que as benzeções são atividades antigas na sociedade e costumam serem associadas à religião católica, fato também relatado por Baldino et al. (2015, p. 398). Em todos os rituais de benzeções, existe relação com a igreja católica, sendo a benzedeira "uma mulher de fé". Esse empoderamento, advindo da religião católica, é um dos elementos essenciais que instiga a força do ato. Transmitida de geração a geração ou recebida como um "dom divino", o caráter sagrado das benzeções é evidenciado no gestual e/ou nas rezas das benzedeadas que visam curar doenças do corpo e do espírito.

Tais rituais de cura possibilitam formas de sociabilidade e interação entre os membros do grupo social, ainda que em determinados espaços geográficos torna-se cada vez menos comum. A urbanização, o avanço tecnológico, a universalização da saúde, o ingresso e permanência no mercado de trabalho, conforme explana Hoffmann-Horochovski, (2012, p. 129), o crescimento de religiões evangélicas (que geralmente condenam essa prática) contribuem para atenuar essa tradição, e, quanto mais os costumes urbanos adentram nas áreas rurais, mais esses costumes tendem a desaparecer, sendo que, muitas vezes, sem os registros detalhados dessas práticas.

As rezas, os remédios naturais, as imersões com folhas, raízes, sementes e plantas diretamente na água

quente constituem a "farmácia natural" do interior, complementadas com "uma boa dose" de fé, pela busca da cura e bem-estar físico e psíquico, exercidos por pessoas que carregam o "dom de curar", e que transmitem confiança aos que os procuram. Schweickardt (2002) nos esclarece que o poder adquirido para rezar (já que não são todos que rezam), é entendido como uma bênção, portanto, não é possível nem parar de rezar, nem cobrar pelos serviços. A pessoa uma vez que recebeu o dom, tem uma obrigatoriedade moral em retribuir. Quando falamos de rezadores, em termos ideais, temos em mente aqueles que usam da reza como meio simbólico para a cura de determinadas doenças.

### 1.3 A técnica da fé

As comunidades são formadas por pessoas e lugares, e delas surgem as suas histórias naturais, cotidianas, diferentes, engraçadas. Culturas e memórias formam as raízes de um povo, através dos seus hábitos e comportamentos. Na comunidade Afatam<sup>3</sup>, no projeto de assentamento Tarumã Mirim, são muito arraigadas as práticas das benzeções e "puxações", exercidas pela DIV-4<sup>4</sup>, 63 anos. Mulher simpática e gentil, ela reside há 30 anos na comunidade, citada por muitos como uma "mulher de mãos mágicas e coração de ouro". Conhecida desde 2009, quando eu realizava trabalhos sociais naquele assentamento. Sua vivência solidária e voluntária abrange quatro contextos específicos, arraigando-os à cultura local: no conhecimento dos remédios caseiros; no ofício de parteira; na prática das benzeções e na técnica de puxação, demonstrando, nesses âmbitos, conhecimento, disponibilidade, solidariedade e fé.

Naquela época (2009) era muito solicitada para os serviços de parteira, hoje mais pela prática das benzeções e pela técnica da puxação. Em diversos diálogos, refiro-me às suas práticas como "a técnica da fé", definições que lhe provoca risos e traços de timidez. Nas adequações entre ciência e empirismo, alocamos as qualidades da DIV-4 entre práticas adquiridas e congênicas. As adquiridas vieram da repetição (para a sua prática de "puxadeira" e parteira) e parte congênita das benzeções contra quebranto, mau olhado e arca-caída, haja vista que desde "menininha", segundo suas palavras, já havia percebido o seu dom.

#### 1.3.1 Os remédios naturais

A designação remédios caseiros, ou remédios naturais, possuem a sua eficácia confirmada mais pelo empirismo que pelos estudos laboratoriais, principalmente aqueles à base de plantas (fitoterapia), geralmente bastante difundidos onde a farmácia não está ao alcance de todos. No projeto de assentamento Tarumã Mirim, como em outras comunidades onde houve implantação de posto de saúde, diversos costumes, tais quais os chazinhos para o alívio da dor, os óleos com seus efeitos antibióticos, as sementes para os diversos tratamentos foram substituídos pelos fármacos manipulados em laboratórios. Os remédios caseiros ainda são difundidos somente entre os mais idosos.

Matos (2015), estudioso da realidade social amazônica, observou que, por um período longo de tempo, dado o processo de integração, os remédios caseiros foram gradativamente sendo relegados, por não constituírem-se de comprovações laboratoriais. À medida que os jovens do projeto de assentamento Tarumã Mirim não se preocupam com esses conhecimentos tradicionais, os medicamentos alopáticos vão substituindo o etnoconhecimento praticado na região, e os povos passam cada vez mais a depender do sistema de saúde disponibilizado pelo Estado. Em diálogos com a referida benzedeira, acerca de ervas, chás, e vermífugos, relatou-me ela que

*assim é<sup>5</sup> do mamão, do mastruz são bons vermífugos pra matar lumbrigas. A andiroba e copaíba dão óleo qui servi como anti-inflamatório. As fôia (folhas) das ervas cidreiras e capim santo é um bom remédio pros gáis (gases) das crianças, "disarranjo" no estômago dos grandim, e é calmante pra todo mundo. Mas, muita gente agora, principalmente a moçada mais nova, prefere ir no postim (posto de saúde) e pegar lá os remédios du quê tê o trabaio de extrair, fazer, ou vim aqui pegá.*

Essa "migração cultural" dos povos, substituindo ervas, as benzeções, os serviços de parteira, para a medicina tradicional, ofertado pelo posto de saúde do Tarumã Mirim também me foi confirmado pela DIV-1<sup>6</sup>, agente de saúde do projeto de assentamento Tarumã Mirim, e por outros anciões (ENT-5, 74 anos; ENT-11, 71 anos; ENT-29, 71 anos; ENT-34, 77 anos, ENT-54, 70 anos, etc.) na comunidade Afatam, nas entrevistas.

### 1.3.2 O ofício de parteira

O ofício da parturição continua sendo praticado em diversas localidades rurais brasileiras, tendo em vista o diminuto número de médicos para atendimento da população, conforme Mesquita (2014, p. 756), porém, essa prática cultural vem-se extinguindo no Tarumã Mirim. Nesse trabalho, ao inquirir a DIV-4 sobre o seu ofício de parteira, ela me falou que "Já aparei mais de 80 crianças, mas agora são poucos os que me procuram pra esse serviço". Ao lhe perguntar qual a sensação de ajudar o nascimento de um bebê, ela foi sucinta: "É um milagre. Todo nascimento é um milagre. É uma bênção de Deus". Confirmou-me ela.

A cultura local vai se moldando, se modificando, instigada pela tecnologia, pelo avançar do meio urbano ao rural, tal qual o trabalho de parteira sendo substituídos pelo pré-natal e parto com acompanhamento médico no posto de saúde do assentamento. Matos (2015, p. 219) também detectou esse fato, "as mulheres, que antes era assistida por parteiras da comunidade, agora passaram a fazer o pré-natal por agendamento de consulta médica". As demandas pelos serviços de parteira escassearam-se, a partir da instalação do posto de saúde local, porque as gestantes procuram o acompanhamento do pré-natal pelo médico da família, e, para o parto, as parturientes deslocam-se para as maternidades em Manaus-AM.

### 1.3.3 As benzeções

A prática da reza é marcada pelo simbolismo católico, característico da realidade rural, porém também podemos observar no contexto urbano. O rezador cura através de meios simbólicos, agindo preferencialmente sobre doenças de gravidade como erisipela, mau-olhado, vermes (SCHWEICKARDT, 2002, p. 153-156), propiciando inclusive equilíbrio emocional, porque foi movido pela fé, em busca da magia que lhes leva à cura. Na 2ª entrevista com DIV-4, solicitei-lhe que falasse como começou o seu ofício de benzedeira,

*Só tenho lembrança, indêz (desde) mocinha, diqui botavam a criança nos meus braços. Eu começavarezá bem baxinho, divagar, e quando oiava (olhava), a criança surria, aí eu sabia quitava fazendo a vontade de Deus. E foi acontecendo. Traziam a criança, eu rezava a oração, e a criança ficava bem. E foi vindo criança, e eu rezando, e elas ficando boa. E foi assim que aconteceu.*

Essas expressões de fé no Tarumã Mirim também são mais procuradas dentre os mais idosos, por aqueles que residem há mais tempo no assentamento e pelos católicos praticantes. Explicou-me elaque, para os quebrantos "de fome" e quebranto "de susto", há uma reza diferente para cada tipo de quebranto. Percebi que, entre 2009 a 2016, período em que executo trabalhos sociais e pesquisas naquela região, as benzeções são mais procuradas para crianças, enquanto que as rezas para "arca caída" incluem também os adultos. Instiguei-lhe a falar sobre tal.

*Tem deferença entre benzê criança e benzê gente grande. Meu dom maió é benzê criança. Benzo também gente grande, mais é pôco. Reza de criança é dum jeito, a de gente grande é dôtro jeito. É deferente. Porque adulto é uma coisa, e criança é ôtra coisa. Num dá pra fazer a mesma reza não. A arca caída de gente grande também é deferente de arca caída de criança.*

Solicitei-lhe que me falasse quais as orações pra um e para outro, porém não houve convencimento possível para ela me falar que palavras ela usava nas orações. Explicou-me que era coisa só dela, que não podia ensinar, se não fosse para alguém que também "carregasse o dom com ela", pra praticar nas pessoas, "fazendo o bem pra quem precisasse", o que nos reportou mais uma vez ao relatado por Baldino et al (2015, p. 390), onde sua entrevistada também relatou que as orações não podem ser ditas aleatoriamente sob pena de perderem o efeito, e que benzer é um segredo que só pode ser revelado para quem vai aprender a missão.

### 1.3.4 Puxação

Estalar, puxar, massagear, o tradicional "estica-e-puxa" é uma descrição sucinta da prática da puxação, para tratar e prevenir as desordens do sistemaneuro-músculo-esquelético. Apesar de complicado em definir a técnica, na prática se resume em ações vigorosas, porém descomplicadas e bastante difundidas no projeto de assentamento Tarumã Mirim, ofertadas gratuitamente pela benzedeira e "puxadeira" local. Reportando-me aos relatos da DIV-4, com relação à sua técnica dapuxação, pedi-lhe que me falasse como e quando iniciou essa técnica.

*Foi assim... Eu comecei com meu marido. Ele chegava todo estrupado da roça, intão eu sintiqui eu podia fazer alguma coisa. Qui eu tinha quifazê! Intão eu começava a parpá (palpar), pra lá, pra cá, ajeitando os nervo, sintindo onde tavadiscunjuntado, e eu fui na pressão mermo botando no lugar (risos). E foi dando certo. Depois fui fazendo nos fio (filhos), nos vizim (vizinhos), nos parente... Fui praticando. Aperta daqui, puxa dali, estica (estica), torce (torce)... Eu comecei nos braços, pernas, ombros. O ispinhaço (espinha dorsal) só dispôis di praticá muito, purquê ispinhaço é mais milindroso. Mais dispôis fui criditando que eu podia também cunsertar ispinhaço. Qui eu tinha também esse dom. Eu fui cunhecendo as junta, sintindo onde eles si discunjuntavam, e passei a cunsertar o ispinhaço, e fui praticando, e o pessoal si sentindo mió (melhor). Mas ninguém mi insinó não. Aprindi sozinha, só eu, Deus e os discunjuntados (mais risos). E nisso já si vai pra mais de 30 anos.*

Perguntei-lhe se acreditava ser o seu dom uma dádiva especial que Deus lhe deu. "Creio qui sim. Num é todo mundo qui tem esse dom, qui tem jeito pra puxá". Respondeu-me ela. Em certo momento da entrevista fomos interrompidas por uma visita. Era alguém buscando seus serviços de "puxadeira". Observei que ela tinha um quartinho reservado para tal função. Cronometrei o tempo do trabalho: 17 minutos. Quem entrou com expressão macambúzia, alquebrada, saiu sorridente. Abraçou-a, agradeceu-lhe e foi embora. Retomamos a entrevista. Inquiri-lhe: DIV-4, observei que a senhora não cobra pelo "puxamento". É a sua tática, o seu tempo, e não cobra nada? "Num cobro, purquesinão quebra o dom. Si tenho o dom, sou obrigada a ajudar as pessoas, né? Sinão, pur que eu teria o dom, né, se não for pra ajudar o semelhante?" Tal similaridade percebemos também nos relatos da benzedeira na obra de Baldino et al (2015, p. 390), "Não há cobrança financeira, pois existe uma ordem moral de acordo com a qual não se pode cobrar sob pena de não valer o pedido ao sagrado". Tanto para as benzeções, partos, medicamentos e puxações, não há cobrança financeira, para não "quebrar o dom". Procurei entender sobre essa "quebra do dom". No caso das "puxações" não é uma técnica? Perguntei-lhe.

*É, mas num é só técnica. Num é só isso. Pra descobrir onde tá amassado, tem que ter o dom. Num basta puxar. A gente tem qui ir cunversando e aparpando (palpando), sintindo cum as pontas dos dedos, vendo onde tá rasgado. O qui dá dor é a rasgadura. Intão tem qui saber onde tá rasgado, pra puxar e cunsertá. Mas sem o dom, os dedos num sente. Num discobre onde tá rasgado.*

Fiz-lhe uma pergunta capciosa: DIV-4, e se a senhora estiver fazendo algo muito importante, por exemplo, preparando um panelão de mingau, que não pode parar, e chegar alguém aqui à procura da sua dádiva de benzer ou "puxar", como fica? "Aí a panela desarranja toda, mas eu atendo", respondeu-me ela, sorrindo. Perguntei-lhe se ela sentia que esse seu dom às vezes poderia ser um peso: "Não. A bondade é a mió forma da gente ser mió. Se tem um dom e não se serve dele pra ajudar as pessoas, disestabiliza o espírito".

No transitar entre modernidade e rusticidade, na 3ª visita à DIV-4, resolvi vivenciar, e me beneficiar, da sua técnica de "puxadeira". Inicialmente benzeu-me, e depois massageou meus braços, desde os dedos das mãos aos ombros, apertando bem, fazendo semicírculos com os dedos. Várias vezes. Então ela começou a palpar a minha coluna vertebral, de cima a baixo, perguntando, sondando, rezando. Seus dedos detectavam cada pontinho de dor existente. Nas regiões do corpo onde mais doía, ela iniciava as palpações levemente, intensificando-se à medida que prosseguia com a sua técnica. Intrigou-me profundamente sobre a suavidade onde ela "pressentia" a localidade mais dolorosa no meu corpo, antes mesmo que eu emitisse qualquer gemido de dor.

Mandou-me descer da "cama de exames", e deitar-me no chão de tábuas. Deitei-me. E começou a puxação. Eu ouvia nitidamente o som da coluna se reajustando no devido lugar. Creeeeeque... Creeeeeque... Não consegui definir, pelos seus balbucios, as palavras da oração pronunciada. Percebi que a técnica era a mesma da quiropraxia. Não senti medo, porque percebia sua total segurança. E puxa braço, puxa perna, pescoço, estica, torce. Intriguei-me por ela ser tão pequenina, frágil e anciã (aproximadamente 1,40m, 45 kg, 63 anos) e possuir tanta agilidade. Ao final, senti que eu me encontrava em um corpo novo, sem as dores que me acometia quando ali cheguei.

### Resultados da pesquisa

Por mais duas vezes eu visitei essa mulher, e, em todas as cinco visitas, não me faltaram simbologias relacionadas à fé, tais como os raminhos de arruda murchos após as benzeções, ou os vidrinhos contendo seus



óleos curativos. A eficácia da sua técnica como "puxadeira", ainda se mantém em grande procura, e, pelas diferenciações das fisionomias dos "clientes", entre o entrar e o sair do "quartinho dos milagres", seus "puxamentos" ainda irão perdurar por muito tempo. Entre a magia e a técnica, constatamos que DIV-4 representa o "anjo bom", na memória e na cultura no projeto de assentamento Tarumã Mirim. Saí desse "mergulho cultural" transformada, porque vi, ouvi, vivenciei, senti e aprendi com aquela mulher, que uma grande riqueza da vida não é "ter", é "ser". Ser solidária, porque o bem-estar do próximo está além dos seus afazeres domésticos, ou do conforto na cadeira de embalo após o almoço. A qualquer momento em que alguém a procura, está sempre apta a atender.

### Considerações finais

A historicidade do projeto de assentamento Tarumã Mirim foi traduzida em palavras, no relato de diversas práticas culturais observadas na pesquisa, através das percepções, representando o que vi, ouvi, captei e interpretamos conjuntamente (autora e coautora) nas análises dos dados. Se em alguns momentos me deixei levar pelo sentimento pessoal, instigada pelas emoções, em outros momentos analisamos sob um ângulo impessoal, buscando a subjetividade acima de percepções tendenciosas. Costumes, crenças e memórias proporcionam a continuidade da vida, mantendo crenças, modificando costumes, nas tradições que ora perpetuam nas crenças, ora se modificam, na interação com a modernidade que adentra nas comunidades rurais.

A palavra benzer vem de fazer a cruz, e presenciei essa simbologia por diversas vezes, e as manifestações de fé entre a benzedeira e aqueles que a buscavam, para a cura dos seus males. Na cultura popular, matéria e espírito formam o indivíduo, sendo a cura através da sua alma, que passa o comando ao seu corpo. Para cada mal, uma reza, para cada dor, uma técnica, tendo como instrumentos a fé e a prática, para a cura da sua doença ou um alívio para a sua dor.

O que fazem as mãos e a crença de DIV-4 constitui parte da vivência dos moradores do Tarumã Mirim, inserida na sua cultura. Técnica ou magia, a sua significação depende da relação entre ela e o ser a que esse ato se destina, se crê que seja magia ou se sente que seja técnica, porém o resultado se repercute no bem-estar físico e psíquico daqueles que são beneficiados pela sua técnica-fé!

### REFERÊNCIAS

- ALVES, Adjair. *Treinando a observação participante: juventude, linguagem e cotidiano*. Recife: Ed. Universitária de UFPE, 2011.
- BALDINO, José Maria; LOURES, Patrícia Marcelina Loures; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães. A educação nas manifestações culturais populares religiosas: benzedores e a transmissão de saberes e "segredos". *Caminhos*. V. 13 . 2, jul/dez 2015. Doi <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v13i2.4023> Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/article/view/388-400/2464>. Acesso em: 07 jan 2016.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. *Diagnóstico Sócio-Econômico-Ambiental do Projeto de Assentamento Tarumã Mirim*. Manaus, 1999. Disponível em: <http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf>. Acesso em: 28 ago 2015.
- CANEDO, Daniele. "Cultura é o quê?". Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. Publicado no V Enecult. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. 27 a 29 de maio de 2009 na Faculdade de Comunicação UFBA. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>. Acesso em: 10 jul 2016.
- COUCHE, Denys. *A noção da cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc. 1999.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUERREIRO, Silas. As origens dos antropos. In: RIBAS, João Batista Cintra; KEMP, Kênia; PASSADOR, Luiz

- Henrique; FERRARI, Marian Dias; GUERREIRO, Silas (org). Antropos e Psique. O outro e sua subjetividade. 9ª ed. São Paulo, 2009.
- HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. Velhas benzedoras. Publicado em: Dossiê – o final da vida no Século XXI. 10 ou 2012. Doi: 10.5433/2176-6665.2012v17n2p126. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/14025/11836>. Acesso em: 21 jul 2016.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MATOS, Gláucio Campos Gomes de. Ethos e figurações na hinterlândia amazônica. Manaus: Valer/FAPEAM, 2015.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPV, 1974.
- MESQUITA, Elianne Cristina. "ENTRE PRÁTICAS E SABERES" Parteiros práticas, parteiras técnicas e médicos-parteiros. Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e das Práticas. Universidade Federal Rural de Pernambuco PE. 18º Roedor. 24 a 27 nov 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/Iti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2311/674>. Acesso em: 13 ago 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2014.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Ensaio em antropologia histórica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- PEREIRA, Edilson. O espírito da oração ou como carismáticos entram em contato com Deus. Religião & Sociedade. Relig. soc. vol.29 no.2 Rio de Janeiro 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872009000200004>. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872009000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000200004). Acesso em 13 ago 2016.
- SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. Magia e religião na modernidade: os rezadores em Manaus. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2009.
- WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

- 
1. O autor refere-se à violência simbólica como o processo em que a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados, reportando-se, nesse contexto, ao pesquisador que, ao inserir-se no campo pesquisado, não deve sobrepor a sua cultura em detrimento ao povo pesquisado (pedestal e capital cultural), ou que o seu grau de conhecimento não se torne elemento que o distancie sobremaneira dos sujeitos da pesquisa.
  2. João Pacheco de Oliveira Filho, na sua obra Ensaio em Antropologia Histórica, no capítulo "O ofício do etnógrafo", p. 212, ele cita que "Uma narrativa (etnográfica) deve ser escrita na 1ª pessoa, pois o olhar etnógrafo descreverá as diferenças e a variação no outro". Nesse trabalho, cito o "eu" nos momentos específicos da pesquisa de campo, retornando ao pronome na 1ª pessoa do plural nas análises e interpretações dos dados coletados, procedidos conjuntamente com a coautora.
  3. Em virtude de a pesquisa geral (a dissertação) relatar alguns fatos que poderiam comprometer a posse da terra de alguns moradores, bem como no intuito de manter o sigilo da pesquisa, substituímos o nome da comunidade escolhida por um pseudônimo em que não a identifique, porém que detenha o significado do objeto pesquisado. A agricultura familiar no Tarumã Mirim, que forma o acrônimo AFATAM. Os acrônimos são escritos em letras maiúsculas, porém neste trabalho o nome da comunidade foi citada em minúscula, exceto a 1ª letra, como se fosse uma palavra própria, identificando-a. Constituído por extensa área geográfica (42.910,76ha) com capacidade para assentar mais de 1.000 famílias, subdividindo-se em diversas comunidades, tornou-se inviável o trabalho de campo abranger a todo o assentamento, definindo-se o espaço de uma das comunidades (a Afatam) para as entrevistas, porém as diversas comunidades existentes no assentamento possuem rotinas e costumes similares.

4. Para os sujeitos da pesquisa foram estipulados as siglas ENT-1 até ENT-70, aos 70 entrevistados na comunidade dentro dos critérios de inclusão (ser proprietário do lote, etc.), e, DIV-1 a DIV-6 aos personagens mais relevantes da comunidade (fora dos critérios da inclusão), também no intuito de preservar o anonimato dos entrevistados, dentre eles a DIV-4 como a benzedeira, parteira e "puxadeira", e a DIV-1, agente de saúde do assentamento.

5. A forma expressa do linguajar caboclo não tem como objetivo estigmatizar o entrevistado, mas sim respeitar a forma de expressão do mesmo. Ressaltamos que, em consulta à Mestra na área da Filosofia da Educação, Elvira Eliza França, me foi esclarecido o seguinte norteamto: "Concordo com a forma de respeitar as expressões das pessoas entrevistadas, registrando o linguajar caboclo. Não se pode ficar elaborando o discurso de alguém com academicismos, porque isso fará com que se perca a característica linguística regional de quem deu o depoimento. Ainda que não seja um trabalho voltado para a análise da linguagem, ele poderá se constituir em material futuro para investigação de algum outro pesquisador nessa área, daí a importância da riqueza linguística dos depoimentos que coletar". Forma de expressão também observada no artigo do periódico "Caminhos", onde doutores e mestre (Baldino; Loures e Almeida) autores da obra, adotaram a mesma sistematização.

6. Em diálogos com a agente de saúde local (DIV-1), ao questionar-lhe sobre a procura por benzeções, confirmou-nos ela que ocorrerem mais na zona rural que urbana (a mesma foi agente de saúde também na zona urbana por muitos anos). A presença (ou a ausência) de médicos instiga a procura por tratamentos alternativos e às evocações de fé, em busca da cura para seus males.

7. Palpação é o ato de sentir com as mãos, que consiste na aplicação de pressão manual variável sobre a superfície do corpo com a finalidade de determinar a forma, a posição, condição dos tecidos.

Fonte:

[http://www.quiropraxia.org.br/portal/images/abq/artigos/diretrizes\\_da\\_oms\\_sobre\\_educacao\\_e\\_seguranca\\_em\\_quiropraxia.pdf](http://www.quiropraxia.org.br/portal/images/abq/artigos/diretrizes_da_oms_sobre_educacao_e_seguranca_em_quiropraxia.pdf).

8. A quiropraxia, dentre as multiplicidades de funções, localiza e corrige um padrão primário de distorção corporal.

Fonte: [http://quiropraxia.org.br/portal/rbq/rbq\\_vol\\_4\\_n\\_1.pdf](http://quiropraxia.org.br/portal/rbq/rbq_vol_4_n_1.pdf).

**Resumo:** *A cultura evoca interesses multidisciplinares, representando manifestações comportamentais de um povo, com suas crenças e tradições. Pesquisa etnográfica, relato das benzeções, a tratar quebrantos, arca-caída, mau-olhado. Descrição das "puxações"; prática tradicional na zona rural de Manaus. Método etnográfico, utilizando a técnica de observação participante. Para cada mal, uma reza, para cada dor, uma técnica, tendo como instrumentos a fé, para cura da doença ou alívio para a dor.*

**Palavras-chave:** *Cultura; Tradição; Benzeção; Puxação.*

**ÁGUIDA MENESES VALADARES DEMÉTRIO**

Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2017); Especialização em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas - CIESA (2013); Graduada em Ciências Contábeis - CIESA (2001); Experiência na área comercial (empresária no ramo de supermercado); Agente da Pastoral da Sobriedade (atuando em apoio a dependentes químicos e familiares); Escritora (7 obras publicadas sobre as consequências ao uso abusivo das drogas psicotrópicas); Palestrante (orientações sobre relacionamentos familiares).

**RITA MARIA DOS SANTOS PUGA BARBOSA**

Natural de Manaus-AM, Licenciada, Doutora e Pós doutora em Educação Física. Técnica em Atletismo; especialista em Administração Desportiva; Gerontóloga. Mestre em Ciência de Alimentos; e em Educação. Foi docente FEFF-UFAM 1984/2015; Docente credenciada no Programa de Pós-graduação de Sociedade Cultura da Amazônia-UFAM. Autora de livros em educação física gerontológica, imagem corporal, estilo de vida de adolescentes do Amazonas, empreendedorismo na educação física, história de educação física no Amazonas e atletismo

# Publish Research Article

## International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

### Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

### Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal  
258/34 Raviwar Peth Solapur-  
413005, Maharashtra  
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com